

A gente quer valer o nosso humor, por José Carneiro¹.

“Rir pra não chorar” é um dito popular bastante conhecido, seja para dar alento a qualquer situação inusitada: uma queda na rua, uma vergonha que se passou em qualquer local institucional, ou pelas chaves que esqueceu dentro de casa e não consegue entrar de volta para buscar; e essa última situação é viável? No universo da comicidade qualquer situação banal é passível de despertar o riso, até aquelas menos verossímeis. Por meio de tal proposição, a criação lúdica em torno de situações mais absurdas exige bastante traquejo com a coisa que ocorre. É nisso que o Palhaço Musir (interpretado e interpelado por Guilherme Frattini) se apoia, com o perdão do trocadilho: nisso e em cadeiras sobre garrafas ou ele mesmo sobre os recipientes de vidro. Enfim, Musir gosta do perigo, ou melhor, gosta do "mais bonito", "o mais difícil" e o "mais perigoso" (assim o artista nomeia seus números); nessa ordem. Veja, o mais perigoso ainda não é o de andar pelas garrafas, mas subir sobre cacos de vidros espalhados em um pequeno tapete no chão. No caso do “mais bonito/s”, possivelmente, poderia ser apontado como o malabarismo com uma bola de cristal que o ator/palhaço inicia o espetáculo e, também, quando faz desenhos com pequenos arcos no ar; dando a impressão de uma dança fluida no espaço. Mas, quem sabe, o mais bonito pode se tratar do quase furar das solas de seus pés: vai saber o que se passa na cachola de Musir?! Fato é, o ator apresenta bastante desenvoltura para realizar seus números. E, não à toa, apropria-se do verbete do início deste texto para nomear sua criação teatral.

O espetáculo, pensado para os espaços públicos e abertos (rua), pode ser apresentado em qualquer espaço, mas na 5ª edição da Mostra de Teatro Heliópolis: A Periferia em Cena, *Rir pra não chorar* foi apresentado em local dito não-convencional (ou híbrido): a quadra poliesportiva da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Gonzaga do Nascimento Jr (Gonzaguinha). Inclusive, o cantor/compositor escreveu, em uma de suas composições: "A gente quer valer o nosso humor/ A gente quer do bom e do melhor". Seria um chamado para Musir? Se coubesse ao público de, provavelmente, 300 crianças, opinar, talvez, a resposta seria afirmativa.

Musir tem domínio do espaço e, apesar de haver um círculo central que delimita o espaço de atuação, outras partes da quadra poliesportiva são exploradas, como no momento da entrada do ator, desenvolvida por de trás do público; e uma segunda entrada, bastante comum na palhaçaria, em que o ator-palhaço faz algumas combinações com o público,

¹ Atua como artista cênico, audiovisual e professor. Graduado em Teatro pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com orientação do professor/pesquisador Alexandre Mate. Mineiro, fundou com um pernambucano o grupo Teatro Taberna em Goiânia, hoje o coletivo se divide entre Goiás e São Paulo, alicerçado em referenciais brasileiros.

sobretudo a manutenção do caráter de festejo e euforia; nesta segunda entrada, Musir saiu de um dos pequenos muros laterais do local.

Um ponto relevante é que, em vários momentos não se pôde ouvir o que foi falado no espetáculo, já que, como acontece com certa frequência nos casos de espetáculos apresentados em espaços públicos abertos, a participação do público foi bastante intensa, ainda mais se tratando de um público, fundamentalmente, infantil. Mas, também, é fato que, apesar de Frattini usar microfone, a pequena caixa de som, que ficava dentro do círculo de ação do ator, não foi suficiente para ouvir o que o ator dizia. Todavia, foi notável perceber o esforço do artista para driblar tais percalços e fazer dos números circenses os pontos altos do espetáculo, que, por tudo isso, teve um grande protagonismo de sua assistência.

Desse modo, foi tocante presenciar a participação pulsante do público. No meu caso, foi difícil não pensar que aquela situação pode ter sido chave para uma futura experiência no campo das artes de algumas daquelas crianças e de como, em tal fase, o vivido pode alimentar o futuro. Realmente, a verve e domínio do ator (como ator e comunicador), em seu ofício foi algo extraordinário.